

EDUCAÇÃO MUSICAL: UMA SÍNTESE HISTÓRICA COMO PREÂMBULO PARA UMA IDÉIA DE EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL DO SÉCULO XX

Raimundo Martins *

A busca do conhecimento é uma das mais importantes características dos seres humanos, provavelmente a mais importante. Em todas as civilizações, em todas as sociedades, em diferentes épocas ou períodos - não importa quão simples ou sofisticadas as sociedades - sempre existe alguém que pensa, observa e questiona fenômenos, eventos e idéias fazendo as perguntas clássicas: o que? como? e por que? O conhecimento é tão importante que os seres humanos desenvolveram, através dos tempos e da sua própria evolução, sistemas simbólicos e sistemas de notação para expressá-lo mas, principalmente, para preservá-lo.

A música, como modalidade de conhecimento ou como forma de expressão, tem caracterizado uma presença marcante nesse processo histórico de desenvolvimento do conhecimento e da expressão humana. Todavia, a educação musical, isto é, a preocupação com os processos de uma pedagogia musical, com uma aprendizagem adequada a diferentes necessidades e características humanas - respeitando níveis de desenvolvimento biológico, cognitivo e cultural - teve uma trajetória lenta e tortuosa, permeada por preconceitos e crendices.

* Doutor em Educação Musical, Southern Illinois University, USA; Profº. Titular do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS; Profº. Orientador do Curso de Pós-Graduação-Mestrado em Música - UFRGS;

A profunda preocupação pedagógica demonstrada pelos filósofos gregos parece não ter sido suficiente para aplacar séculos de dúvida e ignorância. Para os gregos a música estava no mesmo nível hierárquico da filosofia e da matemática.

Nos primórdios da civilização grega a educação se constituía no estudo de música e ginástica (MONROE, 1902, p. 17). Com o desenvolvimento do pensamento grego, a disciplina música foi ampliada passando a incluir poesia e letras. O esquema proposto por Platão como a educação ideal para aqueles que seriam os guardiães do conhecimento e portanto, da sociedade, contemplava um curso completo compatível com níveis que poderiam ser considerados como elementar, secundário e superior. No nível elementar - ginástica, música e letras (gramática) - o estudo desses conteúdos se mantinha até os vinte anos de idade; no nível secundário, cuja duração ia dos vinte aos trinta anos, o estudo abarcava uma visão de ciência: aritmética, geometria, astronomia e música (estudo da proporção dos intervalos do monocórdio em relação aos corpos celestes). O nível superior, dos trinta aos trinta e cinco anos, consistia do estudo de filosofia como uma preparação final para a prática da cidadania na sociedade (BOSANQUET, 1900, p. 12-16). De acordo com Aristóteles, a música tem o poder de influenciar o indivíduo podendo modificar os estados da alma (DAVIDSON, 1892, p. 198-199). Segundo Platão, a música pode introduzir no espírito do ser humano o sentido de ritmo e de harmonia, transcendendo o domínio musical, alcançando equilíbrio e até mesmo perfeição numa relação cósmica (BOSANQUET, 1900, p. 12-16). Para os gregos a música educa, aprofunda e refina as idéias, os sentimentos e as expressões do ser humano. Por esta razão, ela tem presença marcante na formação do jovem, na sua preparação para exercer a cidadania. Está presente no que poderia ser considerada a estrutura curricular nos seus diferentes níveis de formação para uma participação responsável na sociedade, para a capacitação do indivíduo como uma contribuição a sociedade da qual é parte. Esta filosofia pedagógica se perdeu através dos séculos, pontilhando de modo tênue e às vezes de maneira quase herética a lenta e tortuosa trajetória da educação musical no ocidente.

Na história da música ocidental, Guido d'Arezzo (990-1050) foi o primeiro músico e teórico que se destacou pelas suas preocupações e virtudes pedagógicas. Criou vários recursos para o ensino da leitura e da escrita musical. Entre eles o mais conhecido é a mão guidoniana, espécie

de pauta com claves móveis para facilitar a leitura dos intervalos.

Durante a Idade Média, o ensino de música cresceu em importância e alcançou proeminência nas universidades ao lado de disciplinas como aritmética, geometria e astronomia, constituindo com elas a estrutura curricular do Quadrivium. A Igreja Católica demonstrava interesse no estudo de três disciplinas do Quadrivium: aritmética, astronomia e música. O interesse da Igreja foi decisivo no sentido de encorajar o ensino e o estudo da música como uma disciplina teórica no domínio das ciências matemáticas (GÜNTHER, 1887, p. 14).

O advento da Renascença possibilitou o renascimento da outra face da música: a face da expressão, da performance. Esse renascimento recuperou progressivamente o equilíbrio entre a visão teórica e a visão prática, restaurando no ideal grego a dialética da música como ciência e como arte.

A noção de secularidade se intensificou e se alastrou gradativamente gerando uma nova preocupação com a individualidade humana, colocando-a como a força propulsora da ação, da construção e da reconstrução humanas.

O espírito da Reforma se alargou a ponto de insistir na importância e necessidade de se popularizar o ensino da música. Tal insistência teve como resultado a criação de escolas públicas, estendendo assim os benefícios da educação a um número muito maior de indivíduos. Luteranos e calvinistas tiveram participação decisiva nesse processo ao exigir uma educação musical para todas as crianças e jovens, retomando assim o espírito da Grécia antiga. Lutero, na sua Carta aos Conselheiros dos Estados Alemães, recomenda que se coloque num mesmo nível as Humanidades, as Ciências e o estudo da música com ênfase especial para o canto nas escolas (GAINZA, 1964, p. 18-19).

As idéias pedagógicas de Comenius, publicadas na sua Didática Magna, em 1657, se constituem no grande impulso da educação no decorrer do século XVII. Durante o século XVIII, esta preocupação e inquietação pedagógica no campo da música está centrada na pessoa de Rousseau. Rousseau compôs canções para crianças com o objetivo de realizar a sua grande aspiração: difundir e popularizar o ensino da música.

No século XIX, os seguidores de Rousseau - Wilhem, Galin, Chevè - dão à França a liderança européia da pedagogia musical, exercendo influência sobre outros países, impulsionando uma geração de pedagogos

- Hubert, Hortense, Parent, etc. Wilhem, foi o fundador dos orfeões nas escolas francesas e o seu método para ensino do canto foi adotado nos principais países da Europa (CHEVAIS, 1937). Na Inglaterra, Sara Glover desenvolve o Tonic-Solfa, posteriormente é aperfeiçoado por Curwen, que emprega recursos fonômicos. A utilização do Tonic-Solfa, também conhecido como Dó Móvel, representa importante contribuição ao desenvolvimento do canto coral caracterizando um significativo impulso à pedagogia musical (CURWEN, 1903). O Tonic-Solfa chega à Alemanha na forma do Tonika-Do-Lehre, uma adaptação do método de Curwen realizada por Agnes Hundoegger, representando uma importante renovação dos processos metodológicos na prática do canto coral alemão.

Nos Estados Unidos, durante a primeira parte do século XIX, Horace Mann desenvolve a grande cruzada em favor da escola pública, enfatizando o ensino da música e o canto como fundamentos de uma educação que não deve perder de vista o seu conteúdo humano. Mann, com o apoio de Lowell Mason, intensifica os esforços, e Massachusetts passa a ser o primeiro estado americano a adotar o ensino da música nas escolas públicas. Os princípios de Pestalozzi norteiam a pedagogia musical de Mason que tem como referência básica três pontos simples e objetivos: 1) os sons antes dos símbolos; 2) os princípios antes das regras; 3) a prática antes da teoria (CHOSKY, 1986, p.8).

Na Europa, as idéias de Montessori se propagam gerando fortes críticas. Para muitos, é inaceitável a ênfase em material didático adequado ou dirigido para as necessidades específicas e para as expectativas do aluno em detrimento da auto-suficiência do professor. As idéias pedagógicas de Montessori se intensificam sendo aliadas ao conceito de Escola Nova (MONTESSORI, 1918).

Dewey, o seguidor da Escola Nova nos Estados Unidos, desenvolve o método pedagógico que tem como foco a ação, o aprender fazendo. A pedagogia centrada na ação se contrapõe ao formalismo de um ensino impositivo e às vezes quase tirânico onde os interesses da criança jamais são considerados e as suas iniciativas são sempre cerceadas. Na visão de Dewey, a escola é um laboratório onde a criança vivencia experiências reais e de interesse, caracterizando-se como o embrião de experiências futuras. Como laboratório, enfatiza o equilíbrio responsável entre iniciativa e liberdade, mas repudia o caos e o anarquismo educativo.

As idéias da Escola Nova chegaram ao Brasil por volta da primeira

década do século XIX de maneira lenta e quase que sorrateira. Todavia, tornaram-se claras, através do trabalho, da liderança e das publicações de Anísio Teixeira. Tiveram grande impacto na área musical mas entraram em choque com o ensino de música baseado no modelo de conservatório, já bem estabelecido e arraigado no país. Este modelo, que tem como matriz o Conservatório de Paris, oferecia num primeiro momento classes de composição, canto e instrumentos. Posteriormente, com muita discussão e luta, se conseguiu introduzir o curso de história da música. O exemplo mais contundente da rigidez desse modelo é a própria matriz. O Conservatório de Paris atravessou quase um século sem nenhuma alteração na sua estrutura de Cursos.

Num ambiente musical conturbado por idéias e modelos, lenta e paulatinamente foi surgindo o conceito, já distorcido, de educação musical. A primeira distorção ficou por conta da confusão ineficaz e desnecessária entre Iniciação Musical e Musicalização. Para uns, a iniciação musical era para crianças, para outros a musicalização era para jovens e adultos. Outros ainda, criam que a Iniciação Musical poderia ser para crianças, jovens e adultos desde que sem nenhum contato anterior com o estudo de música. As discussões, sem um embasamento científico ou educacional, tornaram-se estéreis e infundáveis. A ainda parca noção de educação musical foi simploriamente reduzida a algum processo de iniciação à música.

Durante o final da década de 20 chegam, em forma de conta gotas, rumores sobre os trabalhos de Dalcroze, suas idéias e sua filosofia. Comentários sobre o método Kodály se misturam e reforçam a onda nacionalista que envolve o país, mas sem nenhuma consequência objetiva visto que falta o embasamento educacional contingenciado pela ausência de hábito da sistematização e do procedimento metodológico.

A noção de psicologia começa a permear algumas escolas de música fora do sistema oficial de ensino. Preocupações com o desenvolvimento da percepção, com aspectos da inteligência musical, com estágios do desenvolvimento do indivíduo, começam a surgir como tímidas referências de caráter informativo. Fala-se sobre, ou menciona-se Piaget. A noção de educação musical começa a se reerguer com a possibilidade de um reencontro com a sua vocação original: os processos de aprendizagem em música, o desenvolvimento da expressividade, a função da música como conhecimento. Um processo rico e complexo, que não se limita a uma

iniciação, mas que se propõe a formar músicos e professores capazes e conscientes desta função.

Chegamos a 1930. A ditadura de Vargas e o Estado Novo, impõem ao país outro modelo francês, importado e implantado por Villa-Lobos: o orfeão. O carisma do compositor, aliado ao "espírito" cívico-patriótico da época estabeleceu durante mais de uma década um modelo musical para as escolas do país. Esse modelo trouxe profundas repercussões que se prolongaram por quase meio século. Gerou graves implicações políticas, imbricamentos históricos que somente agora, muito recentemente, com o distanciamento necessário, estão sendo reavaliados à luz de um procedimento crítico.

Referências Bibliográficas

- BOSANQUET, B. The Education of the Young in the Republic of Plato. Cambridge, 1900.
- CHEVAIS, Maurice. Education musicale de l'enfance. Alphonse Leduc, Paris, 1937.
- CHOSKY, Lois et alii. Teaching Music in the Twentieth Century. Prentice-Hall, New Jersey, 1986.
- CURWEN, J. Spencer. Psychology Applied to music teaching. Curwen & Sons, London, 1903.
- DAVIDSON, Thomas. Aristotle and Ancient Educational Ideals. New York, 1892.
- GAINZA, Violeta H. La Iniciación Musical del Niño. Ricordi Americana, Buenos Aires, 1964.
- GÜNTHER, S. Geschichte des Mathematischen Unterrichts im Deutschem Mittelalter bis zum Jahre 1525. Berlin, 1887.
- MONTESSORI, Maria. El método de la pedagogia científica. Editorial Araluce, Barcelona, 1918.
- MONROE, P. Source. Book of the History of Education. New York, 1902.